

Entre edifícios descuidados do antigo bairro de Santa Efigênia, na animação de algumas ruas ocupadas por distribuidoras e produtoras, freqüentadas por profissionais de cinema, intelectuais e jornalistas, a Boca tornou-se conhecida como um espaço de convivência e trabalho e como termo de referência para certas formas de fazer cinema.

O estudo Imaginário da Boca vem reconhecê-la não como uma entidade, nem como uma organização fechada e definida por regras determinadas. Verifica que os filmes produzidos na Boca não configuram um conjunto homogêneo e que o trabalho ali realizado não é conscientemente controlado. Refuta ainda, a possibilidade de explicar o cinema da Boca simplesmente pelas relações econômicas que o presidem. Nisto reside a contribuição deste texto, que numa aproximação aos trabalhadores do cinema, busca esclarecer a relação que estabelecem com aquilo que fazem.

Com toda propriedade, a boca ressurgue como lugar do paladar, do gosto, de articulação de pronúncia e fala. O Imaginário da Boca se detém no sabor da produção mais recente, de 1978 a 1980, particularmente no universo da pornochanchada. Evitando o reducionismo, que encontra neste tipo de filme somente o produto espúrio, procura recuperar a humanidade das pessoas envolvidas nesta atividade.

E já que gosto se discute, o texto oferece elementos necessários à reflexão sobre as imagens que apresentam e representam o universo vivido através do trabalho e do desejo. Dizia um grande mestre, que só a má apropriação do trabalho nos permite falar em mau gosto. O estudo do imaginário da Boca deixa entrever que este processo de elaboração simbólica por meio de fazer cinema, é uma maneira determinada de apropriação da matéria da vida e uma maneira determinada de apropriação do trabalho. Esclarece como a Boca ou as preferências do gosto são inequivocamente históricas. A palavra final cabe aos leitores.